

AUTORA BESTSELLER DA SÉRIE OFF-CAMPUS

ELLE KENNEDY



SÉRIE BRIAR U

Será possível resistir
à tentação?

A Jogada

TOP
SEL
LER

*À Sarah J. Maas, pelo teu apoio e entusiasmo.
E por me lembrares porque escrevo.*

1

Hunter

Esta festa é uma seca.

Devia ter ficado em casa, embora, ultimamente, a minha «casa» mais pareça o cenário de um reality show da família Kardashian. Graças às minhas três colegas de casa, estou rodeado por um excesso de estrogénio.

Reconheço que há demasiado estrogénio na república Theta Beta Nu pelo qual posso sentir-me atraído. Já as minhas colegas de casa são comprometidas, portanto, não posso tocar-lhes.

Também não podes tocar em nenhuma destas mulheres...

É verdade. Por causa da minha abstinência voluntária, não posso tocar em ninguém, ponto final.

O que levanta a questão: se uma árvore cai na floresta e não podemos pinar com ninguém na festa da república feminina, será que ainda é uma festa?

Agarro no copo de plástico vermelho que o meu amigo e colega de equipa Matt Anderson acabou de me dar.

— Obrigado — murmuro por entre dentes.

Dou um gole e faço uma careta. A cerveja é aguada, mas talvez seja melhor assim. É um bom incentivo a não beber mais do que uma. O treino matinal é só às dez, mas estava a pensar aparecer na arena umas horas mais cedo para praticar os remates rápidos.

Depois do fim desastroso da época passada, prometi tornar o hóquei a minha prioridade. O novo semestre começa na segunda-feira, com o primeiro jogo na próxima semana, e eu sinto-me motivado. A Briar não conseguiu chegar ao campeonato nacional no ano passado e a culpa foi minha. Esta época será diferente.

— O que achas daquela? — O Matt acena discretamente com a cabeça na direção de uma miúda gira de boxers minúsculos e camisola interior cor-de-rosa-clara. Não está a usar sutiã e a ponta dos mamilos é visível sob o tecido sedoso.

Sinto a boca a salivar.

Já mencionei que estou numa festa do pijama? Sim, sim, não faço sexo há quase cinco meses e decidi começar o terceiro ano da faculdade numa festa na qual todas as mulheres presentes estão praticamente sem roupa. Nunca disse que era uma pessoa muito inteligente.

— É gira que dói — digo ao Matt. — Vai lá fazer-te a ela.

— Até ia, mas... — Ele faz um som aborrecido. — Ela está a olhar para *ti*.

— Bem, eu estou encerrado temporariamente — respondo, encolhendo os ombros. — Estás à vontade para ir lá dizer-lhe isso. — Espeto-lhe um dedo brincação no braço. — De certeza que ficará satisfeita com o prémio de consolação.

— Ah, ah! Vai à merda. Não sou a segunda escolha de ninguém. Se não está doida por se enrolar comigo, prefiro encontrar alguém que esteja. Não preciso de disputar a atenção de uma mulher.

É por isso que gosto do Matt: no ringue é competitivo, mas fora dele é um tipo fixe. Jogo hóquei desde sempre, e tive colegas de equipa que não hesitariam em roubar a miúda de outra pessoa ou, pior, em enrolar-se com ela nas suas costas. Já joguei com tipos que tratam as fãs como descartáveis, que partilham miúdas como se fossem *Tic Tacs*. Tipos sem respeito nenhum e zero noção.

Na Briar, tenho a sorte de jogar com gajos à maneira. Claro que nenhum plantel está completo sem um ou dois parvalhões, mas, na sua maioria, os meus colegas de equipa são porreiros.

— Sim, não será difícil — concordo. — A morena à tua direita está já a imaginar-se a pinar contigo.

Os seus olhos castanhos arregalam-se deliciados ao ver uma miúda cheia de curvas com uma camisa de dormir branca curtinha. O rosto dela cora assim que os seus olhares se cruzam e ela sorri timidamente, erguendo o copo num brinde silencioso.

O Matt abandona-me sem olhar para trás. Percebo-o perfeitamente.

A sala está a abarrotar de miúdas em *lingerie* e tipos de pijama à Hugh Hefner. Como não sabia que era uma festa temática, estou de calções *cargo* e camisola de alças branca, mas sinto-me confortável. A maioria dos gajos à minha volta fica ridícula com aquela roupa.

— Estás a curtir? — A música está aos gritos, embora não tanto que me impeça de ouvir a rapariga. Aquela para quem o Matt estava a olhar há bocado.

— Sim. Veio bué gente. — Encolho os ombros. — O DJ é fixe.

Ela aproxima-se.

— Chamo-me Gina.

— Hunter.

— Eu sei quem tu és. — A simpatia insinua-se na sua voz. — Estive no jogo do torneio da conferência contra Harvard, quando aquele anormal te partiu o pulso. Até me custa a acreditar que ele tenha sido capaz.

A mim não. Comi-lhe a namorada.

Mas guardo essa parte para mim. Não é que o tenha feito com intenção. Não fazia ideia de quem era a miúda quando fui para a cama com ela. Porém, aparentemente, ela sabia quem *eu* era. Queria vingar-se do namorado, mas só descobri quando este se lançou sobre mim a meio do segundo jogo mais importante da época, aquele que determina quem se qualifica para o Frozen Four, o *primeiro* jogo mais importante da época universitária. O pulso partido foi o resultado de uma placagem no gelo. O otário de Harvard não tinha essa intenção, mas aconteceu e, de repente, fiquei fora do jogo. Assim como o nosso capitão de equipa, o Nate Rhodes, que foi expulso por andar à porrada ao tentar defender-me.

Desperto destas memórias passadas.

— Foi uma péssima maneira de acabar a época — digo.

Ela toca-me no bíceps direito. Modéstia à parte, ultimamente ando com os braços bué musculados. Quando não fazemos sexo, o exercício físico é indispensável para manter a sanidade mental.

— Lamento — ronrona a Gina, deslizando delicadamente os dedos sobre a minha pele nua, fazendo-me sentir picadas de calor ao longo do braço.

Quase gemo em voz alta. Porra, estou tão carente que uma mulher a acariciar-me o *braço* quase me provoca uma ereção.

Sei que devia afastar-lhe a mão, mas há muito tempo que ninguém me toca sem ser de forma platónica. As minhas colegas de casa estão sempre a apalpar-me, mas isso não tem nada de sexual. A Brenna gosta de me dar palmadas na brincadeira ou beliscar-me o rabo sempre que nos cruzamos no corredor, mas não é por se sentir atraída por mim. É só parva.

— Queres ir para um lugar mais sossegado conversar, ou assim? — sugere a Gina.

Vivo neste planeta há tempo suficiente para saber o que significa «conversar, ou assim» em linguagem de rapariga.

1) Não vai haver grande conversa.

2) Vai haver muito de «ou assim».

A Gina não poderia ter sido mais explícita, a não ser que tivesse na mão um cartaz a dizer: «COME-ME!» Até humedece os lábios ao fazer a pergunta.

Sei que devia recusar, mas a ideia de voltar para casa agora e bater uma no quarto enquanto as minhas colegas de casa assistem a maratonas de antigas temporadas de *The Hills* não é muito convidativo. Assim, digo «Está bem» e saio da sala atrás da Gina.

*

Vamos parar a uma pequena sala de estar que tem um sofá, algumas estantes e uma secretária encostada à parede do fundo, debaixo

de uma janela. Surpreendentemente, está vazia. Os deuses da festa compadeceram-se da minha triste figura celibatária e ofereceram-nos o tipo de privacidade perigosa que devia precisamente evitar. No entanto, sento-me no sofá e deixo a Gina beijar-me o pescoço.

A sua camisola de cetim toca-me no braço e a fricção leve é quase pornográfica. Ultimamente, tudo me excita. No outro dia, fiquei com uma ereção ao ver um anúncio da *Tupperware* no *You Tube* porque a mamã sexy do anúncio estava a descascar uma banana. Depois, cortou-a às rodelas e colocou-as num recipiente de plástico, mas nem esse simbolismo horrendo me dissuadiu de bater uma à pala da Mulher da Banana. Daqui a uns meses estarei a pinar com as tartes de maçã que a minha colega de casa Rupi faz aos domingos.

— Cheiras tão bem. — A Gina respira fundo e, ao libertar o ar, o seu hálito quente faz-me cócegas no pescoço. Ela beija-me novamente, deixando-me uma marca quente e molhada na pele.

Gosto de a sentir no colo. As coxas bem torneadas sobre as minhas, o corpo quente e cheio de curvas coberto de cetim. E tenho de parar com isto.

Fiz uma promessa a mim mesmo e à minha equipa, embora ninguém me tenha pedido e todos achem que sou doido por tentar tornar-me abstinente. O Matt disse logo não acreditar que ignorar os meus impulsos sexuais fosse ter o mínimo impacto nos nossos jogos. Mas eu acho que vai e, para mim, é uma questão de princípio. O pessoal votou em mim para capitão. Levo essa responsabilidade a sério, e sei por experiência pessoal que tenho tendência para deixar que as mulheres me afetem. No ano passado, andar por aí a dormir com miúdas resultou num pulso partido. Não quero que isso se repita.

— Gina, eu...

Ela interrompe-me, encostando os lábios aos meus, e, quando nos beijamos, sinto a cabeça a andar à roda. Ela sabe a cerveja e a pastilha elástica. E o cabelo, caindo-lhe sobre o ombro como uma espessa cortina de caracóis ruivos, cheira a maçãs. Apetece-me devorá-la.

As nossas línguas dançam e o beijo torna-se mais intenso, mais tórrido. A minha cabeça continua às voltas enquanto o desejo e a

infelicidade batalham dentro de mim. Perdi toda a capacidade de pensar com discernimento. Estou tão duro que até dói e a Gina só piora a situação, roçando-se no meio das minhas pernas.

Só mais trinta segundos, digo a mim mesmo. Mais trinta segundos e paro com isto de vez.

— Quero-te tanto. — Os seus lábios colam-se outra vez ao meu pescoço, e, depois, *porra*, ela põe a mão entre nós, apalpando-me o pénis sobre os calções, e eu quase choro de prazer. Há tanto tempo que uma mão sem ser a minha não me tocava na pila. Sabe tão bem que devia ser crime.

— Gina, não — gemo, e preciso de toda a minha força de vontade para lhe afastar a mão. O meu pénis protesta, derramando um pouco de sémen no interior dos boxers.

Ela tem o rosto corado. O olhar vidrado.

— Porque não?

— Eu... estou a fazer uma pausa disto tudo.

— De quê?

— Do sexo.

— Como assim?

— Não faço.

— Não fazes o quê? — Ela parece tão confusa quanto eu infeliz.

— Não faço sexo — esclareço, melancólico. — No sentido em que não tenciono fazê-lo durante um tempo.

As suas sobrancelhas unem-se.

— Mas... porquê?

— É uma longa história. — Faço uma pausa. — Na verdade, não é. Este ano quero concentrar-me no hóquei e o sexo é uma grande distração. Basicamente, é isso.

Ela fica em silêncio algum tempo. A seguir, toca-me no rosto e passa o polegar sobre a minha barba por fazer. A Gina lambe os lábios, e quase me venho dentro dos calções.

— Se te preocupa o facto de eu poder querer mais, esquece isso. Só quero algo casual. A minha carga horária é absurda este semestre e também não tenho tempo para uma relação.

— Não tem que ver com relações — tento explicar. — Tem que ver com o sexo em geral. A partir do momento em que o faço, apetece-me continuar a fazê-lo. Fico distraído e...

Ela volta a interromper-me.

— Está bem, esqueçamos o sexo. Posso só fazer-te um broche.

Quase me engasgo com a língua.

— Gina...

— Não te preocupes, eu masturbo-me ao mesmo tempo. Os broches excitam-me muito.

Isto é uma tortura.

Pura tortura.

Juro, se as Forças Armadas precisarem de ideias sobre como fazer alguém falar, deem-lhes um universitário cheio de tesão com uma gaja boa no colo e obriguem-na a dizer que só quer fazer sexo sem compromisso e broches, porque a excitam *muito*.

— Desculpa — consigo dizer. E depois consigo algo ainda mais difícil: tiro-a do meu colo e ponho-me de pé. — Não estou no estado de espírito certo para... nada disto.

Ela fica sentada com a cabeça inclinada para trás, a olhar para mim. Tem os olhos arregalados de incredulidade e uma certa... talvez *compaixão*. Pelo amor de Deus. Agora o meu celibato é objeto de pena.

— Desculpa — repito. — E, só para que saibas, és a miúda mais gira da festa e a minha decisão nada tem que ver contigo. Fiz uma promessa a mim mesmo em abril e tenciono mantê-la.

A Gina morde o lábio inferior. E, para minha surpresa, deteto um brilho de admiração no seu rosto.

— Não vou mentir — diz —, estou um bocado impressionada. Nem todos os tipos seriam capazes de manter essa convicção na minha presença.

— Nem todos os tipos são tão estúpidos como eu.

Sorrindo, ela levanta-se.

— Bem, suponho que nos veremos por aí, Hunter. Gostava de poder dizer que vou esperar por ti, mas tenho as minhas necessidades. Que, obviamente, não se alinham com as tuas.

Com uma gargalhada, ela sai da sala, e eu fico a admirar-lhe o rabo sexy a balouçar enquanto caminha.

Passo as mãos pelo cabelo e depois liberto um gemido silencioso nas mãos. Não sei se hei de sentir-me orgulhoso de mim mesmo ou martirizar-me pelo caminho ridículo que escolhi.

No geral, *tem-me* ajudado a manter-me focado no hóquei. Liberto toda a minha frustração sexual em campo. Estou mais rápido e mais forte do que na época passada, e nota-se um certo desespero em cada remate que faço à baliza. Os tiros são certos, quase como um tributo ao meu pénis em sofrimento. Um reconhecimento de que o seu sacrifício deve ser honrado.

Tranquilo-me pensando que será apenas até ao final da época. Faltam sete meses, após os quais terei cumprido um ano inteiro de celibato. Nessa altura, a minha recompensa será um verão de sexo. Um verão sexual.

Um verão sexual indecente, decadente e interminável...

Credo. Estou tão farto de me masturbar. Admito que não ajudo a minha causa ao fazer coisas idiotas como expor-me à tentação com universitárias lindas de morrer.

Pela primeira vez em muito tempo, estou ansioso pelo início das aulas. Espero ter tanto trabalho este semestre até me saltar pelos olhos. Trabalhos de casa, horas suplementares no gelo, treinos e jogos; só quero pensar nessas coisas. E, decididamente, acabaram-se as festas da faculdade.

Evitar a tentação é a única maneira de manter a cabeça no lugar e a pila nas calças.

2

Demi

— Tranca-a — ordeno, assim que o meu namorado, o Nico, fecha a porta do quarto. Lá porque a minha república está a organizar uma festa hoje à noite, não quer dizer que o meu quarto esteja aberto ao público. A última vez que organizámos uma festa e eu me esqueci de trancar a porta, quando fui buscar uma camisola ao quarto, apanhei um trio amoroso em flagrante. Um dos dois tipos chegou a cometer a atrocidade de usar o *Fernando*, o meu panda de peluche só com um olho, como almofada para pôr debaixo do rabo da rapariga. Enfim, para facilitar a penetração dupla que estava prestes a iniciar.

Não volta a acontecer, Fernando, tranquilizo silenciosamente o meu amigo de infância, colocando-o sobre a mesa de cabeceira para arranjar espaço para o meu namorado.

O Nico deixa-se cair de costas na cama, cobrindo o rosto com o braço, e suspira, cansado. Não pôde vir à festa porque estava a trabalhar, mas valorizo o facto de ter vindo até cá a seguir ao turno em vez de voltar para o estúdio que está a arrendar em Hastings. A pequena cidade fica a dez minutos de carro do *campus* da Briar, não é longe. Mas sei que teria sido mais fácil para ele ir direto para casa descansar.

— Estás cansado? — pergunto, solidária.

— Morto — é a sua resposta abafada. O antebraço escuda-lhe os olhos, dando-me a oportunidade de admirar o seu corpo sem que ele goze comigo.

O Nico tem o corpo esguio e alto de um jogador de basquetebol. Embora ocupasse a primeira posição no secundário, não conseguiu uma bolsa para jogar basquetebol universitário, e nunca foi suficientemente bom para chegar à NBA. Acho que isso não lhe interessa muito. Jogar basquetebol era algo divertido para fazer com os amigos do secundário; a sua verdadeira paixão são os carros. Mas, embora não pratique desporto atualmente, continua em excelente forma. Faz bastante exercício a transportar caixotes e mobília na empresa de mudanças na qual trabalha.

— Coitadinho — murmuro. — Deixa-me tratar de ti.

Sorrindo, começo numa ponta do seu corpo e vou subindo. Descalço-lhe os ténis, desaperto-lhe o cinto, dispo-lhe as calças. Ele senta-se para me ajudar a tirar-lhe a camisola de capuz, voltando a deixar-se cair. Está agora de tronco nu, boxers e meias, com o braço novamente sobre o rosto a proteger os olhos da luz.

Compadecendo-me dele, desligo a luz do teto e ligo o candeeiro da mesa de cabeceira, que emite uma luz fraca.

Depois deito-me ao seu lado, envergando a camisa de dormir de seda preta que usei na festa.

— Demi — resmunga, assim que começo a beijar-lhe o pescoço.

— Hummm?

— Estou demasiado cansado.

Com a boca, percorro o contorno anguloso do seu queixo, a barba áspera por fazer que me pica os lábios. Encontro a sua boca e beijo-o ternamente. Ele retribui, mas é uma carícia fugaz. Volta a lamentar-se do cansaço.

— A sério, amor, não tenho energia nenhuma. Estive a trabalhar catorze horas seguidas.

— Eu trato de tudo — sussurro, mas, quando levo a mão à sua virilha, não há sinais de vida. O pénis parece massa cozida.

— Outro dia, *mami* — diz, sonolento. — Porque é que não vês aquela tua série horrível?

Disfarço a frustração. Não fazemos sexo há mais de uma semana. O Nico trabalha aos fins de semana e várias noites durante

a semana, mas amanhã é dia de folga, por isso, este é um dos raros sábados em que, se quiséssemos, podíamos ficar acordados até tarde a namorar.

Porém, desde que se deitou, não moveu um músculo.

— Está bem — desisto, rolando sobre a cama para pegar no meu portátil. — O último episódio chama-se «Crianças Que Matam», mas não me lembro se te pus a ver o anterior, «Palhaços que Matam»...

O Nico ressona baixinho.

Fantástico. É sábado à noite, há uma festa ao rubro no andar de baixo e ainda nem são dez horas. O meu namorado giro dorme profundamente na minha cama e eu estou prestes a ver uma série sobre assassinos. Sozinha.

Estou a viver o sonho universitário. Ena.

Para piorar a situação, este é o último fim de semana livre de stress que teremos durante algum tempo. O primeiro semestre começa segunda-feira e, este ano, o meu horário é intenso. Vou seguir Medicina, portanto, se quiser entrar numa boa faculdade, tenho de dar o litro nos meus dois últimos anos na Briar. Não poderei passar tanto tempo com o Nico como gostaria.

Deito um olhar ao corpo que ressona ao meu lado. Ele não parece importar-se com a nossa iminente falta de tempo juntos. Mas talvez tenha razão. Namoramos desde o oitavo ano. Ao longo dos anos, a nossa relação tem tido altos e baixos, com algumas interrupções pelo caminho, mas ultrapassámos todos os obstáculos, e ultrapassaremos esta fase também.

Enfio-me debaixo dos lençóis, uma verdadeira proeza, uma vez que o corpo pesado do Nico está sobre o outro lado do cobertor. Posiciono o portátil no colo e ponho a dar o próximo episódio da minha série favorita. Gostava de dizer que a vejo puramente pela sua vertente de psicologia, mas... quem estou a tentar enganar? É uma série marada e eu adoro-a.

Uma música assustadora inunda o quarto, seguida do familiar tom monocórdico do apresentador britânico, informando que me aguardam sessenta deliciosos minutos de crianças que matam.

*

O resto do fim de semana passa a correr. A manhã de segunda-feira traz consigo a primeira aula do terceiro ano e aquela que mais me entusiasma: Psicologia Anormal. Melhor ainda: dois dos meus melhores amigos também estão inscritos na cadeira. Encontro-os à minha espera nos degraus de pedra do enorme edifício coberto de hera.

— Fónix, estás tão gira! — O Pax Ling envolve-me nos seus braços, depois afasta-se para me dar um beijo repenicado na bochecha e estende a mão para me beliscar o rabo.

Estou com uns calções de ganga e um top às riscas, pois está uma brasa. Não estou a queixar-me de ainda ser verão em setembro. Quero é calor.

— *O que* esses calções te fazem às *pernas*, miúda — aprova o Pax, entusiasmado.

Ao seu lado, o TJ Bukowski revira os olhos. Quando os apresentei um ao outro, o TJ não era grande fã da personalidade extravagante do Pax. Mas acabou por se habituar, e agora têm uma relação de amor-ódio que me dá vontade de rir.

— Também estás giro — digo ao Pax. — Adoro a t-shirt.

Ele levanta o colarinho do polo verde-ervilha.

— É *Gucci*, gajas. Este fim de semana fui a Boston com a minha irmã e gastámos um dinheirinho a mais. Mas valeu a pena, não valeu? — Ele dá uma volta rápida, exibindo a t-shirt nova.

— Valeu — concordo.

O TJ limita-se a ajustar as alças da mochila.

— Bora, vamos entrar. Não quero chegar atrasado à primeira aula. Ouvi dizer que a Andrews é uma profe exigente.

Rio-me.

— Estamos quinze minutos adiantados. Não te preocupes.

— Acabaste de dizer ao *Thomas Joseph* que não se preocupasse? — pergunta o Pax. — Ele é assim por natureza.

O Pax tem razão. O TJ é uma bola de ansiedade constante.

Ele olha para nós furioso. Não gosta que gozem com ele, particularmente com a sua ansiedade, por isso pego-lhe na mão, apertando-a carinhosamente.

— Não fiques aborrecido, querido. Ainda bem que és um ansioso crónico. Assim nunca me atraso para nada.

Com um meio-sorriso, ele retribui o aperto. Eu e o TJ conhecemo-nos no primeiro ano, quando morávamos na mesma residência. A minha colega de quarto era absolutamente insuportável, e o quarto do TJ tornou-se uma espécie de santuário para mim. Ele nem sempre é a pessoa mais fácil de aturar, mas sempre foi um bom amigo.

— Espeeeeeera!

O grito feminino atravessa o ar fresco da manhã. Viro a cabeça e vejo uma rapariga baixinha a correr pelo caminho ladeado de árvores. Traz um vestido preto pelo joelho com grandes botões brancos ao meio. Tem um braço no ar, agitando o que parece ser um recipiente de plástico para guardar alimentos.

Um tipo de cabelo preto para junto aos degraus. É alto e está visivelmente em forma, ainda que coberto por uma grande camisola de capuz cinzenta com o logo da Briar U. O seu rosto bonito contorce-se ao perceber que está a ser seguido.

A rapariga estaca à sua frente. Não consigo ouvir o que ele lhe diz, mas a resposta dela é bastante audível. É possível que seja uma das pessoas com a voz mais alta que já ouvi.

— Fiz-te o almoço! — Com um sorriso enorme, a rapariga dá-lhe o recipiente como se estivesse a pôr-lhe nas mãos o Cálice Sagrado.

Enquanto isso, a linguagem corporal dele transmite irritação, como se ela estivesse a oferecer-lhe um saco de cocó de cão.

A sério? A namorada fez-lhe o almoço e ele não lhe dá um abraço de agradecimento? Parvalhão.

— Odeio aquele gajo — resmunga o TJ.

— Conhece-lo? — Não consigo disfarçar a expressão desconfiada. O TJ não costuma dar-se com atletas, e o tipo para quem estamos a olhar é, sem dúvida alguma, atleta. Os ombros largos são um indício óbvio.

— Aquele é o Hunter Davenport. — É o Pax quem fala, e reconheço imediatamente o tom da sua voz. Tradução: *Meu Deus, quero devorar aquele rapaz.*

Como antecipei, está com um olhar sonhador.

— Quem é o Hunter Davenport? — pergunto.

— Joga na equipa de hóquei.

Acertei em cheio. Eu sabia que era atleta. Aqueles ombros...

— Não sei quem é — digo, com um gesto de indiferença.

— Não perdes nada. É só um atleta idiota e rico — diz o TJ.

Arqueio uma sobrancelha.

— O que é que tens contra ele? — O TJ não costuma atacar os atletas universitários. Ou quem quer que seja, na verdade, tirando a ocasional provocação ao Pax.

— Nada. Só o acho nojento. No ano passado apanhei-o a pinar com uma galdéria qualquer na biblioteca. Todo vestido, mas com as calças para baixo e metade do rabo à mostra. Tinha-a encostada à parede numa das salas de estudo. — O TJ abana a cabeça, enojado.

Também me sinto enojada, mas mais com a representação indelicada que o meu amigo fez da companhia do Davenport.

— Por favor, não digas essa palavra — repreendo. — Sabes que não concordo com esse tipo de humilhação sexual.

O TJ mostra-se imediatamente arrependido.

— Desculpa, tens razão, fui injusto. Quando muito, nessa situação, o Davenport é que seria a galdéria.

— Porque é que alguém há de ser uma galdéria?

— Eu quero ser a galdéria dele — diz o Pax, distraidamente. O seu olhar permanece colado ao jogador de hóquei de cabelo preto, que continua a discutir com a namorada.

A rapariga insiste em pôr-lhe o *tupperware* na mão e ele continua a devolvê-lo. Parece estar a dizer que não vai ter tempo para comer, uma vez que ela lhe responde, aos gritos:

— Há sempre tempo para comer, Hunter! Mas, sabes que mais, não quero saber. Podes passar fome. Desculpa por tentar alimentar-te!

Sorrindo, ponho as mãos à volta da boca e grito:

— Pega lá na porcaria do almoço!

O Davenport vira a cabeça na minha direção, olhando-me com uma expressão carrancuda.

A rapariga, por outro lado, sorri-me.

— *Obrigada!* — Ela empurra-lhe o recipiente para as mãos uma última vez e vai-se embora de forma teatral. Os seus saltos baixos parecem de sapateado, batendo no chão de pedra que abrange a maior parte do *campus* antigo.

O Rapaz do Hóquei dirige-se para nós com um ar ameaçador.

— Não fazes ideia do que acabaste de fazer — vocifera. A sua voz é mais grave do que esperava, com uma aspereza engraçada. Ele ergue o recipiente. — Agora estabelecemos um precedente. Vai passar o semestre todo a fazer-me a porcaria do almoço.

Reviro os olhos.

— Uau, perdoa-lhe por tentar *alimentar-te!*

Suspirando, ele começa a afastar-se. Depois para.

— Ah, olá. Tudo bem, meu? — diz ao Pax.

O queixo do meu amigo cai-lhe até aos ténis brancos. Também parecem novos, portanto, a t-shirt não terá sido a única coisa que comprou em Boston.

— Olá — balbucia o Pax, evidentemente atordoado por terem reparado nele.

— Estavas na minha turma de Meios de Comunicação Alternativos no semestre passado. Jax, não é?

Para minha incredulidade, o *Pax* assente, com cara de parvo.

— Também estás na turma de Psicologia Anormal?

— Sim — confirma o Pax, baixinho.

— Fixe. Bem, vemo-nos lá dentro. — O Davenport dá uma palmadinha no ombro do Pax antes de subir as escadas em direção à entrada do edifício.

Olho incisivamente para o meu amigo, que está demasiado ocupado a mirar de boca aberta o rabo do Davenport.

— Ó Jax — gozo. — Terra chama Jax.

O TJ ri-se.

O Pax desperta do seu transe, olhando para mim com um ar envergonhado.

— Ele lembrou-se de mim, Demi. Não ia corrigi-lo depois de se *lembrar* de mim.

— Ele lembrou-se do Jax!

— Que sou eu! O Jax sou eu. A partir de agora, é esse o meu nome. Quem o disse foi o Hunter Davenport.

Disfarço um suspiro e olho para o TJ.

— Relembra-me porque somos amigos dele.

— Não faço ideia — responde, sorrindo. — Anda, Jax, vamos acompanhar a nossa menina à aula.

Entro no anfiteatro ensanduichada entre os dois rapazes, de braço entrelaçado nos seus. A maioria dos meus amigos é do sexo masculino, facto que o meu namorado foi obrigado a aceitar. No secundário não achava muita piada, mas o Nico nunca foi um namorado controlador e acho que, secretamente, gosta que me dê bem com os seus amigos.

Não me interpretem mal. Também tenho amigas. As minhas colegas da república. A Pippa e a Corinne, com quem vou jantar esta noite. Mas, por algum motivo, tenho mais amigos homens.

No interior da sala cavernosa, eu e os rapazes encontramos três lugares juntos numa fila mais ou menos a meio. Reparo no Hunter Davenport na fila à nossa frente, ao fundo do corredor, debruçado sobre o telemóvel.

— Fónix, ele é a perfeição em pessoa — geme o Pax. — Nem imaginas quantas vezes fantasiei em atraí-lo para a minha equipa.

Dou uma palmadinha no braço do meu amigo.

— Talvez um dia. Acredito em ti.

O anfiteatro enche-se, mas o burburinho esmorece assim que a professora entra, às nove horas em ponto. Trata-se de uma mulher alta e elegante, de cabelo curto e olhos castanhos perspicazes por detrás de uns óculos de armação preta quadrada. Cumprimenta-nos calorosamente e apresenta-se, listando as suas qualificações e o que podemos esperar aprender este ano.

Estou entusiasmadíssima. O meu pai é cirurgião e a minha mãe foi enfermeira pediátrica, por isso era inevitável que viesse parar a uma área relacionada com a medicina. Deve estar inscrito no meu ADN. Mas a cirurgia e a enfermagem nunca me interessaram. Desde criança que me sinto atraída pela *mente*. Fascinam-me sobretudo os distúrbios de personalidade. Os padrões de pensamento destrutivo e a forma como afetam os indivíduos na sua interação com o mundo.

A professora Andrews fala sobre os temas específicos que iremos abordar.

— Vamos aprender como se lidava com a psicologia anormal no passado e como as suas abordagens modernas foram evoluindo ao longo dos anos. As avaliações clínicas e os diagnósticos irão desempenhar um papel fundamental no nosso estudo. Além disso, acredito na vertente prática do ensino. O que significa que não me limitarei a estar neste pódio a debitar factos sobre perturbações relacionadas com o stress, o humor, o sexo, etc.

Chego-me à frente. Já estou completamente fascinada. Gosto do seu tom pragmático e da forma como percorre a sala com o olhar, tentando encontrar os olhos de todos. Tive muitas aulas em que o professor se limitava a ler de um computador num tom monocórdico, sem sequer reparar que havia outras pessoas no mesmo espaço.

A professora diz que teremos de escrever resumos dos estudos de caso de que irá falar nas aulas e que haverá testes de escolha múltipla.

— Todas as datas dos testes estão no programa que enviei por e-mail. Quanto ao projeto final, devem organizar-se em pares numa parceria contínua, com entrega do artigo final e do estudo de caso aprofundado antes das férias de Natal. Agora vamos à parte divertida...

Reparo nos vários olhares inquietos que se cruzam no anfiteatro. Parece que ficam todos desconfiados quando um professor usa a palavra «divertido». Mas eu não estou preocupada. Tudo o que ela descreveu até agora me parece interessante.

— Lembram-se de quando eram crianças e brincavam aos médicos? — A professora Andrews sorri para a sala. — É a essência do

vosso projeto de investigação. Um dos parceiros desempenhará o papel do psicólogo, o outro será o paciente. O psicólogo receberá ferramentas de diagnóstico para poder fazer uma avaliação e escrever um estudo de caso detalhado. Ao paciente será atribuída uma perturbação psicológica que terá de estudar e, à falta de melhor palavra, representar para o psicólogo.

— Adoro — diz o Pax. — Vá lá, *vá lá*, deixa-me ser o paciente.

— Porque é que assumes que serás parceiro da Demi? — protesta o TJ.

— Crianças, eu chego para os dois.

Porém, a Andrews troca-nos as voltas.

— Vou atribuir parceiros pela ordem alfabética da lista de presenças. — A professora pega numas folhas de papel. — Quando ouvirem o vosso nome, levantem a mão para saberem com quem vão trabalhar. Pronto, vamos começar... Ames e Ardin.

Levantam-se dois braços. Uma rapariga de cabelo roxo berrante e outra com um boné dos Patriots.

— Axelrod e Bailey.

Há cerca de cem pessoas na turma, mas a Andrews é eficiente. Percorre os nomes a um ritmo rápido e, num instante, estamos no D.

— Davenport e Davis.

Levanto a mão ao mesmo tempo que o Hunter. Ele olha para mim, torcendo a boca num meio-sorriso.

Ao meu lado, o TJ suspira, infeliz. Aproxima-se e sussurra:

— Queres que mude legalmente o meu apelido para Davidson para te salvar do parvalhão do hóquei?

Sorrio.

— Não faz mal, hei de sobreviver.

— Grey e Guthrie — continua a Andrews.

— Tens a certeza? — insiste o TJ. — Aposto que podias mudar de parceiro se disseses alguma coisa.

— Killington e Ladde.

— Amor, é na boa. Nem sequer o conheço — digo. — Tu é que não gostas dele.

— Mas *eu* adoro-o — lamenta-se o Pax. — Quero brincar aos médicos com ele.

Nesse momento, a Andrews anuncia «Lawson e Ling» e o Pax alegra-se quando o seu parceiro levanta a mão. É um tipo de cabelo castanho ondulado e um perfil de arrasar.

— Também serve — murmura o Pax, obrigando-me a disfarçar uma gargalhada.

— Estas pastas — diz a Andrews, apontando para as pilhas de envelopes cor de laranja sobre a sua secretária — contêm instruções detalhadas sobre o projeto. No final da aula, um dos parceiros deve levar um. Cabe a cada equipa decidir o papel que cada um vai desempenhar.

O Hunter vira-se para trás e aponta para mim com um dedo a imitar uma pistola, suponho que para me informar de que o envelope é responsabilidade minha.

Reviro os olhos. Vejo que já está a empurrar o trabalho todo para mim.

Depois de todos terem parceiro, a Andrews continua a aula, e eu tiro tantos apontamentos que me começa a doer o pulso. Fogo, na próxima aula é melhor trazer o portátil. Costumo preferir tirar apontamentos à mão, mas há tanta matéria para dar e ela fala de tantos assuntos em tão pouco tempo.

Assim que a aula termina, dirijo-me à frente da sala para tirar um envelope. É volumoso, o que pode assustar algumas pessoas, mas eu estou ansiosa por fazer este projeto. Parece divertido e exaustivo, mesmo com um atleta como parceiro.

Por falar no atleta, ele aproxima-se de mim, pondo a mochila sobre um dos ombros largos.

— Davis — cumprimenta.

— Davenport.

— Trata-me por Hunter. — Lentamente, ele olha-me de alto a baixo. Demora-se um pouco demais nas minhas pernas nuas, ainda bonitas e bronzeadas depois de um verão passado em Miami.

— Sou a Demi. — Vejo o TJ e o Pax junto à porta, à minha espera.

— Demi... — diz, com um ar distraído. Continua a observar as minhas pernas, e vejo-o engolir em seco antes de voltar a olhar-me nos olhos.

— Sim, é o meu nome. — Porque é que ele está a mudar de posição desta maneira? Estreito o olhar na direção dos seus genitais. Será possível que esteja com uma *ereção*?

— Demi — repete.

— Hum-hum. Rima com «semi». — Olho propositadamente para os seus genitais.

O Hunter espreita para baixo. Depois ri-se.

— Porra, não estou de pau feito. São as calças.

— Claaaaro.

Ele leva uma mão enorme à zona do fecho, e a tenda de ganga parece achatar-se.

— As calças são novas — resmunga. — Ainda estão um bocado tesas.

— Tesas, dizes tu.

— É o tecido. Vês? Toca-lhe.

Sai-me uma gargalhada gutural.

— Credo, não vou tocar-te na pila.

— Tu é que perdes. — O Hunter esboça um sorriso malicioso.

— Se tu o dizes, amigo. — Levanto o envelope. — Então, quando queres encontrar-te para vermos esta cena?

— Não sei. Estás livre hoje à noite?

Abano a cabeça.

— Já tenho coisas combinadas. Que tal amanhã?

— Sim, pode ser. Quando e onde?

— Às oito na república Theta Beta Nu?

— Eia, a sério? Não pensei que fosses uma miúda de república. Encolho os ombros.

— Bem, mas sou.

Na verdade, só passei pela praxe porque não queria morar na residência de estudantes. Além disso, a minha mãe fez parte da secção da Theta na sua faculdade e cresci a ouvi-la dizer que o tempo que

passou na república foi dos mais felizes da sua vida. Na altura, era a alma da festa. E continua a ser.

— Combinado. Até amanhã à noite, Semi — diz ele, indolente, antes de se afastar.

3

Hunter

— Argh. Tenho tantas saudades dessas mamas.

— Elas também têm saudades tuas...

— Ah, sim? De que é que mais sentem falta?

— Da tua língua, definitivamente.

— Hmmm. Deixa-me vê-las, Jeitosa. Só uma espreitadela.

— E se aparecer um dos teus colegas de equipa?

— Ficaré com inveja de mim até ao fim dos tempos, porque namoro com a mulher mais sexy do mundo.

— Está bem, alinho. Mas só se me mostrares a pila.

— Combinado. Tu primeiro... ah, porra, miúda... espera, talvez seja melhor tapares as gêmeas... E se o Hunter aparecer? Disseste que ele estava em casa.

— Ah, isso é irrelevante. O Hunter agora é um monge. As minhas mamas à mostra não o afetam minimamente.

Na cozinha, liberto finalmente o grunhido que tenho preso na garganta. *Pensava* que ia jantar sossegado antes da minha reunião de trabalho com a Demi Davis. No entanto, passei os últimos cinco minutos a ouvir a sessão de Skype mais enjoativa do mundo.

— Sim, sou um monge — grito à porta. — Não a merda de um eunuco!

Entro na sala sem dar tempo à Brenna de se tapar. Ela não merece. Como recompensa por ter de aturar o sexo por vídeo entre

a Brenna e o Jake Connelly, mereço ver mamas sem ser nos sites de pornografia.

Mas a Brenna está já a puxar a t-shirt sobre o peito, dando-me apenas direito ao vislumbre provocante de uns mamilos castanho-avermelhados antes de desaparecerem.

— Chega-te para lá, mulher demoníaca. — Sento-me ao seu lado no sofá e enfio um garfo cheio de arroz selvagem na boca. Olho para o portátil sobre a mesa de centro. — Olá, Connelly. Belo cacete.

O homem no ecrã do computador assusta-se e diz um palavrão. Baixa imediatamente o olhar para a mão direita, como se acabasse de se aperceber de que está a agarrar numa ereção deveras impressionante. Depois de um movimento indistinto e do som de um fecho, o Jake Connelly fulmina-me com os seus intensos olhos verdes.

— Andas a espiar-nos, Davenport?

Engulo a minha comida.

— Será que se considera espiar quando vocês estão nus a falar pelo Skype no meio da minha sala?

— *Nossa sala* — diz a Brenna docemente, estendendo a mão para me tocar no ombro.

Certo, como se eu me esquecesse. Outros homens poderiam sentir-se empolgados por morar com três raparigas, mas, para mim, não é uma situação ideal. Gosto da Brenna, da Summer e da Rupi individualmente, mas basta estarem as três juntas para o mundo ficar... barulhento. Já para não falar de que estão constantemente a conspirar contra mim.

Os meus antigos colegas de casa, o Colin Fitzgerald e o Mike Hollis, tecnicamente ainda moram aqui, mas nunca ficam tanto tempo quanto eu gostaria.

O Hollis só aparece aos fins de semana; nos outros dias fica em casa dos pais, no New Hampshire, por causa do emprego.

O Fitz é criador de videojogos e tem tido muito trabalho desde que acabou o curso na Briar. Por vezes, significa que tem de se deslocar à sede do estúdio de produção. Neste momento, está em Nova Iorque a trabalhar num RPG de ficção científica e, durante esse tempo,

fica na penthouse da família da Summer em Manhattan. O Fitzzy tem cá uma sorte. O clã Heyward-Di Laurentis é podre de rico, por isso ele está a viver à grande e à francesa.

— Connelly, despacha-te. O carro está à nossa espera lá em baixo — ouve-se outra voz nos altifalantes do portátil. — Hoje é aquela sessão fotográfica de beneficência.

O Jake olha por cima do ombro.

— Ah, merda, esqueci-me completamente.

— O que é que estás a fazer no... Ah, olá, Brenna! — No ecrã, surge uma cara enorme, tão próxima que lhe consigo ver as narinas peludas.

Quando o homem se afasta, experiencio um raro momento de fã, porque, caramba... é o Theo Nilsson, um dos melhores jogadores dos Edmonton Oilers. Não posso crer que o Nilsson acabou de entrar casualmente no quarto de hotel do Jake, e não consigo evitar sentir uma pontada de inveja perante a ideia de que o Jake anda por aí a jogar hóquei no gelo com algumas das maiores lendas do desporto.

Quando era miúdo sonhava em jogar profissionalmente, mas, conforme fui ficando mais velho, fui-me apercebendo de que talvez não fosse o melhor percurso para mim. Sinceramente, o estilo de vida assusta-me. Por isso, decidi não me disponibilizar para a equipa preliminar. Fogo, nem sequer planeei jogar na universidade. Vim para a Briar decidido a tirar um curso de Gestão e tornar-me empresário. Mas um amigo e colega de equipa, que terminou o curso há uns anos, convenceu-me a sair da minha reforma voluntária e, agora, aqui estou.

— Tenho de ir, miúda — diz o Jake à Brenna.

— Divirtam-se a tirar fotos com as vossas fãs babadas — chilreia ela.

O Nilsson parte-se a rir.

— É um evento de beneficência para uma organização de *curling* da terceira idade — revela o colega de equipa do Jake.

A Brenna mostra-se impassível.

— Já olhaste *bem* para o Jake? — pergunta ela ao Theo. — As velhas não vão largá-lo. As fãs transcendem a idade.

Enquanto a Brenna se despede, enfio um bocado de frango grelhado na boca.

— Nem acredito que aquele era o Theo Nilsson — digo, entre dentadas.

— Sim, ele é muito fixe. Jantámos com ele na semana passada, quando eles jogaram contra os Bruins.

— Não me esfregues isso na cara.

A Brenna comprime os característicos lábios vermelhos num sorriso melífluo. Mesmo quando está sozinha em casa, dá-se ao trabalho de se besuntar com um batom que diz «fode-me». Ela é mesmo maléfica.

— Se te portares bem, para a próxima convido-te.

— Eu porto-me sempre bem — protesto. — Pergunta à minha pila; a coitada quer portar-se mal e eu não deixo.

Ela ri-se.

— Acho que tanto desejo reprimido não te faz bem à saúde. E se os teus tomates explodirem e morreres?

Penso no assunto.

— Talvez seja como ter mil orgasmos num só, e quem haveria de querer continuar a viver depois de uma coisa dessas? Parece-me que, a partir do momento em que experiencias uma explosão de mil orgasmos, é sempre a descer.

— És capaz de ter razão. — Os olhos pretos da Brenna seguem-me quando me levanto e vou à cozinha passar o prato por água.

— Tenho de ir — digo, voltando a espreitar para a sala. — Até logo.

— Aonde é que vais?

— É uma cena da faculdade na república Theta.

— Ah! Lá se vai o voto de castidade.

— Népia. O voto continua intacto. Vou só trabalhar num projeto com uma miúda de lá.

— Um projeto — troça ela.

— Sim, um projeto. O mundo não gira em torno do sexo, Bee.

— Claro que gira. — Ela lambe os lábios de forma lasciva e a minha boca estremece em resposta. Assim como o meu pénis.

Ela tem razão. O sexo é tudo e está em toda a parte. Uma mulher nem sequer pode lambe os lábios sem o meu cérebro ir direto para a sarjeta sexual.

Até à data, só encontrei uma solução para controlar a libido: a marijuana. E nem sequer posso recorrer a *isso* tanto quanto gostaria, tirando a ocasional ganza numa festa. A erva relaxa-me e refreia os meus impulsos carnavais, mas também me faz sentir cansado e mais lento nos treinos. E nem pensar em provocar os deuses dos exames toxicológicos da NCAA. Por isso, tal como o sexo, é outra atividade divertida que devo evitar. A minha vida é incrível.

— A seguir vou ter com o pessoal ao Malone's para jogar bilhar. Não esperes por mim.

— O quê? Não me convidas? — A Brenna finge ficar amuada.

— Não — respondo sem a mínima culpa. Vivo numa zona carregada de estrogénio e, por vezes, é fundamental evitá-la, mesmo que seja só por uma noite. — Não são permitidas raparigas. Já há suficientes nesta casa.

— Oh, tu adoras. A Rupí cozinha-te o almoço todos os dias, a Summer faz-te o pequeno-almoço e eu ando sempre por aí de roupa interior. Comida e material sexy para as tuas fantasias, Davenport. Tens uma vida de sonho.

— Se eu tivesse uma vida de sonho, pinava com as três todas as noites. Ao mesmo tempo.

— Ha! Querias. Vai lá divertir-te com o teu... — a Brenna faz o gesto das aspas — projeto.

Faço-lhe um pirete e vou-me embora. Quinze minutos depois, estou de volta ao *campus*, estacionando o *Land Rover* na rua ladeada de árvores que alberga a Greek Row. É terça-feira à noite e a zona está surpreendentemente sossegada. Por norma, há sempre festas ou coisas a acontecer por aqui, mas hoje ouço apenas o som distante da música que provém de algumas das repúblicas.

Percorro o caminho ladeado de flores que conduz à porta da república Theta. Quase todas as janelas do edifício vitoriano de três andares estão iluminadas. Toco à campainha e uma rapariga alta e magra de fato de treino aparece.

Ela arqueia uma sobancelha.

— Posso ajudar-te?

— Vim ter com a Demi. — Levanto o ombro que segura a mochila. — Combinámos estudar.

A colega de república da Demi encolhe os ombros, vira a cabeça e grita:

— Demi! Porta!

Entro na casa, que sofreu uma transformação drástica desde que aqui estive no fim de semana. Está impecável, cheira a detergente de limão e não há miúdas seminuas, tipos bêbedos nem poças de cerveja ao longo do soalho.

Ouçõ passos na escadaria de madeira e vejo a miúda da aula de Psicologia a descer os degraus, com um chupa-chupa na boca. Naturalmente, foco-me nos seus lábios, brilhantes e tingidos de vermelho por causa da guloseima que vem a chupar. O seu cabelo escuro está apanhado num rabo de cavalo alto, e ela traz calças axadrezadas e um top branco fininho sobre um sutiã de desporto preto.

É mesmo gira, porra, e sou obrigado a parar de lhe tirar as medidas.

— Olá — diz ela, analisando-me demoradamente.

— Mel, quem era à porta? — grita alguém.

Ouve-se um burburinho de conversas, e meia dúzia de raparigas aparecem na entrada vindas da cozinha. Param repentinamente ao ver-me. Uma delas despe-me descaradamente com os olhos, enquanto as outras são um pouco mais discretas.

— Hunter Davenport — diz a tarada, devagar. — Caramba, ao perto és ainda mais bonito.

Não costumo sentir-me tímido ou pateta ao pé das mulheres, mas estão todas a avaliar-me e é extremamente desconcertante.

— Talvez possas dar-me o teu número? — murmuro à Demi.

— Para quê?

— Para, da próxima vez, poder enviar-te uma mensagem quando chegar e vires buscar-me discretamente para podermos evitar tudo... isto... — Aponto para a nossa assistência.

— Qual é o problema? Sentes-te intimidado por meia dúzia de raparigas? — Revirando os olhos, a Demi conduz-me em direção às escadas.

— Ná. — Pisco o olho. — Estou a zelar pelos teus interesses.

— Os meus interesses?

— Bem, sim. Se continuar a vir visitar-te, as tuas colegas vão começar a ficar loucamente ciumentas, e o seu rancor acabará por fazer com que te tratem mal, fazendo com que percas todas as tuas amigas. Tens a certeza de que é isso que queres, Semi?

Ela ri-se.

— Oh, não! Tens razão. A partir de agora devias entrar pela janela. Como o Romeu. — Ela empurra o chupa-chupa com a língua para o outro lado da boca. — Alerta de *spoiler*: o Romeu morre.

A Demi leva-me até um quarto no primeiro andar e fecha a porta.

Examino-o. As paredes estão pintadas de amarelo e a cama é uma daquelas que, provavelmente, deveriam ter um dossel ondulante, mas não tem. A colcha é roxa e um panda de peluche está sobre uma das almofadas.

A secretária da Demi está coberta de manuais escolares. Química, Biologia e um de Matemática cujo título não consigo ler. Ergo as sobancelhas. Se está a fazer estas cadeiras todas num semestre, tem uma carga horária intensa e não a invejo nem um bocadinho.

Mas o meu olhar está mais interessado no grande quadro de cortiça acima da secretária. Está praticamente a transbordar de fotografias. Aproximo-me para ver melhor. Há montes de gajos nestas fotos. Algumas raparigas também, mas o grupo de amigos da Demi parece ser composto sobretudo por rapazes. Há vários retratos da Demi com um tipo de cabelo preto. Será o namorado?

— Então, como queres fazer isto? — pergunto, pousando a mochila na cadeira da secretária.

— Bem, a Andrews disse que devíamos encarar estas reuniões como sessões de terapia reais.

— Certo. — Agito as sobrancelhas. — Estás pronta para brincar aos médicos?

— Que nojo. Não vou brincar a nada contigo, rapaz do hóquei.

— *Homem* do hóquei, se não te importas.

— OK, homem do hóquei. — A Demi vasculha a mala da faculdade e tira o envelope que recebemos ontem na aula. Senta-se na beira da cama com o envelope no colo. — Pensei que podias ser tu o paciente e eu a médica. O que significa que farás a parte mais fácil do relatório.

Franzo o sobrolho.

— O que é que te faz pensar que quero ficar com a parte mais fácil?

— Desculpa, não queria insultar a tua inteligência — diz, parecendo sincera. — Mas um amigo disse-me que estás a estudar Gestão.

— E daí?

— Daí que, entre os dois, sou eu quem está a estudar Psicologia, e acho que escrever o estudo de caso e fazer todo o trabalho de diagnóstico seria mais benéfico para mim do que para ti, uma vez que quero seguir esta carreira. Mas, se não quiseres mesmo fazer a parte da investigação, podemos tirar à sorte.

Penso um pouco no assunto. Ela tem razão sobre a carreira. E eu não me importo de fazer a parte da investigação.

— Está bem, como quiseres. Posso ser o paciente.

— Perfeito. Combinado.

— Vês como trabalhamos bem juntos? — Desvio o olhar até ao pequeno sofá sob a janela. — Brutal, parece o gabinete de uma psicóloga a sério. — Dirijo-me para lá e deito-me, ficando com as pernas de fora. Depois levo a mão ao fecho das calças. — Com ou sem calças?

4

Demi

Parto-me a rir perante o absurdo da pergunta.

— Pelo amor de Deus, *não* dispas as calças.

— Tens a certeza? — pergunta o Hunter, com os dedos pousados sobre o botão.

— Absoluta.

— Tu é que perdes. — Ele pisca o olho e põe as mãos atrás da cabeça.

Reconheço que o Davenport tem piada. É também demasiado atraente para o seu próprio bem. As minhas colegas da república deixaram poças de saliva no chão quando ele passou por elas há pouco. A maioria tem pancada por atletas, por isso é provável que me invadam o quarto assim que o Hunter se for embora, implorando por detalhes.

Ele espreguiça-se no meu pequeno sofá e descalça os sapatos. Está de calças de ganga rasgadas nos joelhos, t-shirt preta e um *hoodie* cinzento aberto. É musculado, mas não em demasia, tem um corpo incrível e uma cara de cortar a respiração. E, quando esboça o seu sorriso convencido, fico horrorizada ao sentir-me corar. Aquele sorriso é perigoso. Não admira que o Pax seja obcecado por este tipo.

Abro o envelope grande e tiro um molho de folhas agrafadas com as instruções para o trabalho, bem como mais dois envelopes. Num está escrito «MÉDICO», no outro «PACIENTE».

— Toma. — Atiro o do paciente na direção do sofá. O Hunter apanha-o sem dificuldade.

No interior do meu envelope encontro vários papéis, que folheio. São modelos em branco que devo usar para as «notas das sessões». Passo os olhos pelas instruções. Devemos fazer o mínimo de oito sessões, mas podemos realizar quantas quisermos. Os apontamentos devem ser incluídos no apêndice do estudo de caso que terei de escrever. O meu envelope inclui ainda ferramentas de diagnóstico e documentos informativos.

No sofá, o Hunter ri-se baixinho. Olho para ele a folhear os seus papéis. Não são tantos como os meus, talvez por a sua parte do projeto envolver mais investigação.

— Devíamos ter decidido na aula os papéis que iríamos desempenhar — apercebo-me. — Não sei se podemos ter uma sessão muito produtiva antes de te inteirares da tua doença falsa.

Mas o Hunter limita-se a encolher os ombros. Deteto-lhe um toque de ironia na voz quando volta a analisar os seus papéis.

— Na boa. Sei o suficiente para improvisar, pelo menos nesta primeira conversa.

— Tens a certeza?

— Sim. — Ele volta a enfiar a papelada no envelope e dentro da mochila. Depois põe-se confortável outra vez. — Vá, bora.

Segundo as instruções, não posso gravar a sessão. Mas confio na minha capacidade de tirar notas. Trinco o que sobra do chupa-chupa, engulo o rebuçado e atiro o pauzinho para o cesto do lixo.

Assim que estamos ambos bem instalados, começamos por nos apresentar.

— Então, senhor...? — Aguardo que ele complete a frase.

— Sexy.

— Não. Consegues melhor do que isso.

— Big — sugere.

Suspiro.

— Smith — digo, com firmeza. — És o Sr. Smith. Primeiro nome... Damien.

— Como o puto demoníaco daquele filme de terror? Não. Dá azar.

— Tu é que dás azar — resmungo. Fogo, estamos a demorar uma eternidade só para escolher um nome falso. Por este andar, nunca iremos acabar este projeto. — Pronto, o teu primeiro nome é Richard¹, seu picuinhas.

Ele ri-se.

— Gosto em conhecê-lo, Dick Smith — digo, com simpatia. — Sou a Dra. Davis. O que o traz aqui hoje?

Estou quase à espera de outra resposta da treta, algo como o Sr. Dick precisa de uma chupadela. Mas ele surpreende-me.

— A minha mulher acha que preciso de terapia.

Ergo as sobrancelhas. Ah, direto ao assunto. Adoro.

— Não me diga... E porque acha ela uma coisa dessas?

— Sinceramente? Não faço ideia. *Ela* é que precisa de terapia. Está sempre a perder a cabeça por tudo e por nada.

Anoto a sua formulação.

— O que quer dizer com isso, perder a cabeça?

— Analisa demasiado as coisas. Está sempre a queixar-se. Por exemplo, se chego tarde a casa do trabalho, o seu cérebro assume imediatamente «ele anda a trair-me». — O Hunter faz uma pausa, irritado. — Por uma questão de honestidade, devo mencionar que a trai uma ou duas vezes. E sim, ela sabe.

Uau, parece uma telenovela. Já estou agarrada.

— OK... essa traição que mencionou. — Tomo mais algumas notas. — Há quanto tempo aconteceu? E foi mais de uma vez?

— O primeiro caso aconteceu há vários anos, o mais recente foi este ano. Estava sob muita pressão no trabalho.

Reparo que ignorou a minha pergunta sobre quantas vezes traiu realmente a mulher.

— Porque acha que a traiu? Há algum motivo específico que lhe ocorra?

¹ O diminutivo de Richard é Dick, palavra que também significa «pénis». [N. T.]

— É difícil sentir uma ligação com alguém que está constantemente a queixar-se e a fazer exigências. Ela praticamente me obrigou a traí-la. Quero dizer, o que é que esperava que acontecesse continuando a comportar-se daquela maneira?

Argh, que cretino. Responsabiliza a *mulher* pela *sua* traição...

Interrompo o meu raciocínio, lembrando-me de que não devo julgá-lo. Devo compreendê-lo.

Se quero ser psicóloga clínica, de certeza que ouvirei milhares de relatos sórdidos de infidelidade. Posso até precisar de aconselhar alguém que abusa física ou emocionalmente do parceiro. É altamente provável que venha a deparar-me com pacientes que despreze, ou que não consiga ajudar.

O meu trabalho não é condená-los. Se tudo correr bem, devo ajudá-los a ganharem consciência de si mesmos.

— Quando confessou os casos, o Richard e a sua mulher decidiram começar de novo? Do zero?

O Hunter assente.

— Ela assumiu a sua parte da responsabilidade pelo que aconteceu e aceitou perdoar-me. O que significa que pertence ao passado. O facto de desconfiar de mim a toda a hora não me faz ter vontade de passar tempo com ela. Acredite, ela não está a facilitar a convivência.

— Imagino. Mas é capaz de identificar porque poderá a sua mulher estar a comportar-se dessa maneira? Tente pôr-se no lugar dela. Como acha que reagiria se a sua mulher lhe fosse infiel?

— Ela jamais me trairia — diz, com arrogância. — Sou o elo mais forte desta relação. Demasiada areia para a sua camioneta.

O Richard é uma merda, apetece-me dizer.

— Compreendo — é o que verbalizo. E agora percebo porque é que os terapeutas parecem agarrar-se a esta palavra. É código para os possíveis palavrões que lhes passam pela cabeça.

Falamos mais vinte minutos sobre a sua mulher fictícia e as embirrações dela, e sobre a sua infidelidade, até que começo a reparar numa tendência nas suas respostas. A total incapacidade de se colocar no lugar da esposa.

«Falta de empatia», escrevo, desenhando uma estrela à volta.

Enquanto conclui mais um interminável episódio que descreve a mulher como a má da fita e ele como a vítima inocente, sinto-me impressionada pela forma como se atirou de cabeça a este projeto. E está a fazer um *excelente* trabalho, o que... argh, sinceramente, é bué sexy.

Estou prestes a fazer outra pergunta quando o Hunter se senta direito.

— Vamos parar por aqui. Esgotei oficialmente o meu conhecimento sobre... a minha doença — diz, vagamente. — Preciso de pesquisar mais antes de continuarmos a conversa.

— Foi fixe — admito. — Não achas?

— Sim, acho que sim. — Ele levanta-se do sofá e estica os braços musculados acima da cabeça para se espreguiçar. Ao fazê-lo, levanta a t-shirt, revelando abdominais de aço.

Fico boquiaberta.

— Meu Deus. Que injustiça.

— O que foi? — O Hunter franze as sobrancelhas pretas.

— Já viste os teus abdominais? Quem é que tem abdominais assim?

A sua confusão transforma-se num sorriso convencido.

— Sou jogador de hóquei. Todo eu sou assim.

Uma vez mais, sinto o rosto um pouco afogueado. Esforço-me para não imaginar o resto do seu corpo por baixo da roupa, mas parece-me que não está a exagerar. A sua forma física é uma loucura.

Reparo que o ecrã do meu telemóvel se ilumina sobre a mesa de cabeceira e vou ver o que é. Tem estado no silêncio e, na última hora, o Nico enviou-me duas mensagens. Uma há trinta minutos e outra agora mesmo.

Nico: Olha, miúda, vou ter de me baldar a passar a noite aí. Fiquei sem carro quando saí do trabalho. Problemas de bateria. Vou chamar o reboque para o levar para a oficina em Hastings e vou buscá-lo de manhã antes da aula.

Nico: Estás chateada?

Escrevo uma resposta rápida.

Eu: Chateada não, amor. Desiludida.

— Está tudo bem? — pergunta o Hunter, puxando o fecho do *hoodie*.

Encolho os ombros.

— O meu namorado deixou-me pendurada. Tínhamos combinado que ficava cá a dormir, mas o carro ficou sem bateria. Parece que precisa de uma nova.

— Que chatice. Até te convidava para vires jogar bilhar comigo e com os meus amigos, mas preciso de uma folga das raparigas.

— Sim, imagino que tanta atenção feminina seja insuportável. — Penso na miúda gira do dia anterior, que não se poupou a esforços para lhe fazer o almoço e que ele rejeitou completamente. — Anda, eu acompanho-te à porta.

Mas, antes de sair do quarto, o Nico telefona.

— Preciso de atender — digo, assim que pomos o pé no corredor.

Não tenho outra hipótese, pois, sempre que não atendo uma chamada ou respondo a uma mensagem do Nico, ele costuma não responder quando lhe ligo ou mando mensagem a seguir, mesmo que seja meio segundo depois. Não percebo. Muita gente faz isso. Como é possível não estarem disponíveis cinco segundos depois de ligarem? Juro, é como se enviassem uma mensagem e atirassem o telemóvel ao rio.

— Olá — digo, apressadamente. — O que é que se passa?

— Era só para saber de ti — diz o Nico. — Vou tomar banho daqui a nada e devo adormecer cedo.

— Porque é que... Ah, pois, tens de ir buscar o carro?

— Buscar o carro?

— O reboque não o levou para a oficina? — relembro. Pelo canto do olho, reparo no Hunter a ouvir a conversa com curiosidade. Ao descermos as escadas, faço-lhe sinal para que ande mais depressa.

— Ah, não, na verdade, o Steve deu-me uma mãozinha. Tinha cabos de ligação na carrinha.

— Então conseguiste que o carro pegasse? — *E porque é que não podes vir até cá?*, apetece-me perguntar, mas obrigo-me a não o fazer.

— Consegui. Mas não queria conduzi-lo outra vez esta noite, caso a bateria voltasse a dar o berro — diz o Nico, como se me lesse o pensamento. — De manhã vou ver o que se passa. Mas vemo-nos amanhã à noite, está bem?

— Está bem.

— Amo-te, *mami*.

— Também te amo.

Quando eu e o Hunter chegamos à porta da rua, estou de sobrolho franzido.

— Era o namorado? — pergunta ele.

Aceno devagar com a cabeça.

— Parece que conseguiu pôr o carro a trabalhar com cabos de ligação, mas a bateria continua marada. Não sei bem. Não percebo muito de carros.

— Parece-me um bocado manhoso — observa o Hunter. — Recorrer à velha desculpa da avaria no carro para evitar encontrar-se com alguém.

— A sério? — provoco. — Mentas muitas vezes sobre o teu carro avariar para escapares a encontros?

— Muitas vezes? Não. Se já o fiz? Já.

Olho furiosa para ele.

— Bem, nem toda a gente é mentirosa como tu.

Ele não se sente insultado. Limita-se a sorrir.

— Fogo. Não queria tocar num ponto sensível.

— Não tocaste.

— Hum-hum. Enfim. Os meus amigos estão à minha espera. Adeus, Semi.

Praticamente o empurro porta fora. Talvez se me livrar dele depressa o suficiente, a pequena semente de dúvida que ele plantou não chegue a germinar.

Ele achava que podiam ser só amigos... Mas estava muito enganado.

Agora que é o novo capitão da equipa de hóquei da Briar U, Hunter Davenport promete a si mesmo que irá manter-se celibatário para evitar distrações e contratempos para a sua equipa. Depois de ter aprendido a lição da pior maneira no ano anterior, a sua nova filosofia de vida é: primeiro o hóquei e as aulas, depois as mulheres!

Mas quando entra em cena a nova aluna Demi Davis, Hunter decide que não há nada de errado em serem apenas amigos. Afinal, ela até tem namorado, por isso Hunter não terá problemas em fugir à tentação — pelo menos até ela ficar novamente solteira e começar a atirar-se a ele, tornando tudo muito mais difícil.

A proximidade entre eles é inevitável, uma vez que estão a fazer um projeto para a escola em conjunto, mas Hunter está convencido de que irá conseguir resistir-lhe. Para isso, basta dizer a si mesmo que os dois nunca haveriam de dar certo, por serem demasiado diferentes. Mas pode já ser tarde para convencer-se disso.

Da mesma série:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN: 978-989-589-675-2



9 789895 896752